

Acessibilidade tátil e a inclusão de deficientes visuais nos museus de arte

Juliana de Moura Quaresma Magalhães
(bolsista PIBIC/UFRJ/CNPQ)

Orientadora: Virgínia Kastrup

Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NUCC

Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos.

Projeto:
Práticas Artísticas e Construção da Cidadania
com Pessoas Deficientes Visuais.

Apoio FAPERJ



Objetivos:

- Apontar que a questão da acessibilidade de pessoas cegas requer uma discussão mais profunda e complexa acerca do toque nas obras de arte.
- Sublinhar a importância do acesso tátil para a construção de uma acessibilidade de qualidade para as pessoas com deficiência visual.



Um breve histórico da questão do toque nos contextos museais

Constance Classen (2005, 2007):

- Existem consideráveis evidências de que os primeiros museus europeus disponibilizavam seu acervo ao toque do público e de que a proibição do toque emergiu apenas no princípio do século XIX, quando os museus se tornaram públicos.



■ Para que a proibição do toque nos museus fosse aceita, era necessário que algumas noções fossem interiorizadas. Para tanto, os visitantes deviam crer que:

■ **I)** eles eram menos importantes que as obras em exposição, e que, portanto, deviam agir de maneira diferenciada em relação a elas;

■ **II)** o toque nos museus era desrespeitoso, sujo e danoso.

■ **III)** o toque não tem qualquer função cognitiva ou estética, não apresentando nenhum valor no contexto museal.



■ **Fiona Candlin** (2004, 2008a)

- O maior motivo para se restringir o acesso ao toque dos cegos não é que este pode danificar as peças, mas o medo de que o vasto público vidente sintá-se também no direito de tocar.
- O que está em jogo não é apenas o potencial danificador do toque, mas o valor atribuído a quem toca. O toque é hierarquicamente condicionado e condicionante.



■ Elizabeth Pye (2007):

O fator mais relevante para a proibição do toque a priori, sem que os custos e benefícios sejam pesados, é a desvalorização deste como meio de se ter acesso às obras.

Contraponto: quando se decide arcar com os riscos:

Disponibilização das obras à apreciação visual.

➡ Danos pelos efeitos da luz.

Empréstimos de uma instituição para outra.

➡ Grande potencial de dano do transporte e da exposição das peças a diferentes climas.

A Potência Afetiva do Toque

■ **Jan Geisbusch (2007), Candlin (2008):**

O toque torna porosa a divisão entre sujeito e objeto. Não apenas suscita conhecimentos racionais, mas também possibilita a experiência estética, precipita curiosidade, investigação, desejo e engajamento com os objetos. O toque anima o passado, o objeto, e, conseqüentemente, o visitante.



A Construção de um Museu para Todos...

- A disponibilização de obras de arte à fruição tátil é uma das questões a ser enfrentada pela agenda das políticas de acessibilidade, que é um ponto fundamental na construção de um museu para todos.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDLIN, Fiona. Don't touch! Hands Off! : art, blindness and the conservation of expertise. *Body & Society*, v.10, p.71- 90, 2004.
- CANDLIN, Fiona. Museums, Modernity and the Class Politics of Touching Objects. In: Helen J. Chatterjee (ed.). *Touch in Museums: policy and practice in object handling*. New York: Berg, 2008 a.
- CANDLIN, Fiona. Touch and the limits of the Rational Museum or Can matter think? *Senses and Society*. UK, 2008 b, vol. 3, ed. 3, p 277 – 292.
- CLASSEN, Constance. Touch in Museum. In: Constance Classen (ed.). *The Book of Touch*. New York: Berg, 2005.
- CLASSEN, Constance. Museum manners: the sensory life of the early museums. *Journal of Social History*, v. 40, 2007.
- GEISBUSCH, Jan. For your eyes only? The magic touch of relics. *The Power of Touch: handling objects in museum and heritage contexts*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- PYE, Elizabeth. Understanding objects: the role of touch in conservation. *The Power of Touch: handling objects in museum and heritage contexts*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.



OBRIGADA!

CONTATO

julianaquaresma@ufrj.br

